

# Crítica genética: pertencimento e periferia

Giovani T. Kurz<sup>1</sup>

## Resumo

Partindo do pressuposto — já amplamente compartilhado — de que há distintas tradições dentro da crítica genética, este artigo recupera um ensaio de Jorge Luís Borges, “El escritor argentino y la tradición” (1957), para caminhar, a partir dele, em direção às ideias de periferia apresentadas por María Teresa Gramuglio — “El cosmopolitismo de las literaturas periféricas” (2008) — e de circulação, presentes em Gisèle Sapiro — “How Do Literary Works Cross Borders (or Not)?” (2016) —, e assim explorar a “tensão dialética” que Élide Lois enxerga entre as críticas genéticas europeia e latino-americana — “Los estudios de crítica genética en el campo de la literatura hispano-americana” (2012). Explora-se então a teoria genética de modo contrastivo, recuperando, para além de É. Lois, autoras como Ana María Barrenechea, Telê Ancona Lopez e Graciela Goldchluk, aproximando-as de críticos canônicos como Almuth Grésillon e Louis Hay. Conclui-se este artigo com o debate — ancorado em Nora Catelli e Raúl Antelo — sobre o pertencimento complexo de pesquisadores enraizados em espaços periféricos a sistemas intelectuais do Norte global.

Palavras-chave: Crítica genética; Literatura comparada; Teoria literária; Circulação da teoria.

## Abstract

Based on the—nowadays widely shared—assumption that there are different traditions within the domain known as genetic criticism, this article recovers an essay by Jorge Luís Borges, “El escritor argentino y la tradición” (1957), to progress towards the ideas of “periphery” presented by María Teresa Gramuglio—“El cosmopolitismo de las literaturas periféricas” (2008)—and “circulation”, proposed by Gisèle Sapiro—“How Do Literary Works Cross Borders (or Not)?” (2016)—, and thus explore the “dialectical tension” that Élide Lois sees between European and Latin American genetic criticism. The genetic theory is then explored in a contrastive manner, mentioning, beyond É. Lois, authors such as Ana María Barrenechea, Telê Ancona Lopez, and Graciela Goldchluk, comparing them to the canonic Almuth Grésillon and Louis Hay. This article finds its conclusion in the debate—based in works by Nora Catelli and by Raúl Antelo—around the complex belonging of researchers rooted in peripheral spaces to global North intellectual systems.

Keywords: Genetic criticism; Compared literature; Literary theory; Circulation of theory.

Revista de  
Crítica Genética  
ISSN 2596-2477

N. 49 • 2023

Submetido:  
30/03/2023

Aceito:  
31/05/2023

---

<sup>1</sup> Doutorando nos programas de Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo e de Literatura Comparada da Université Paris 8 Vincennes/Saint-Denis. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n° 2021/09327-9. E-mail: [gtkurz@usp.br](mailto:gtkurz@usp.br).

## Primeiro, Borges

Há um ensaio de Jorge Luís Borges incluído na segunda edição de *Discusión* (1957) — antes apresentado sob a forma de uma conferência no Colegio Libre de Estudios Superiores, em 1953 — com o qual vale a pena introduzir este artigo. “El escritor argentino y la tradición” toma como coluna vertebral a fragilidade de um cânone literário dito universal para arquitetar um cotejo entre poetas *gauchos* e *gauchescos*, partindo então para dissonâncias entre escritores de distintas tradições locais; destrincha-se assim uma série de descompassos. Borges insiste logo de início no fato de que “há uma diferença fundamental entre a poesia dos *gauchos* e a poesia *gauchesca*”;<sup>2</sup> ele enfatiza a distância assaz gritante entre os poemas populares e um *Martín Fierro* (de José Hernández) ou um *Fausto criollo* (de Estanislao del Campo), assinalando que a diferença entre os dois núcleos criativos consiste no “propósito” dos poetas — enquanto os primeiros “fazem versos sobre temas gerais”, como “os sofrimentos do amor e da ausência, a dor do amor, e o fazem num léxico muito geral”, os poetas *gauchescos* “cultivam uma linguagem *deliberadamente* popular, que os poetas populares não praticam”.<sup>3</sup> Assim, “há nos poetas *gauchescos* uma procura por palavras nativas, uma profusão de cor local”;<sup>4</sup> entre os poetas *gauchos*, por sua vez, há incorreções que provêm não de um projeto linguístico mas — diz Borges — justamente da sua ausência. É retomando os horizontes de um tal projeto possível que o autor de *Ficciones* sublinha aquilo que lhe parece um equívoco: “a ideia de que a poesia argentina deve ser rica em traços diferenciais argentinos e em cor local argentina”.<sup>5</sup> Borges escreve que “Racine nem sequer teria entendido uma pessoa que lhe houvesse negado o direito ao título de poeta francês por ter buscado temas gregos e latinos”, ou então que “Shakespeare se teria assombrado se tivessem pretendido limitá-lo a temas ingleses, e se lhe tivessem dito que, como inglês, não tinha o direito de escrever *Hamlet*, de tema escandinavo, ou *Macbeth*, de tema escocês”;<sup>6</sup> confessa ainda ter, “durante muitos anos, em livros agora felizmente esquecidos”, buscado “descrever o sabor, a essência dos barros extremos de Buenos Aires” por meio do uso indiscriminado de “palavras como *cuchilleros*, *milonga*, *tapia* e outras”, mas revela ter por fim encontrado tal sabor exatamente na recusa à sua busca, ao escrever “A morte e a bússola”, “uma espécie de pesadelo, um pesadelo em que figuram elementos de Buenos Aires deformados pelo horror do pesadelo”.<sup>7</sup> Borges conclui:

*Qual é a tradição argentina? Creio que podemos responder facilmente e que não há problema nessa pergunta. Creio que nossa*

---

2 BORGES, J. L. **Discussão**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 149, grifo original.

3 Ibid., grifo meu.

4 Ibid.

5 Ibid., p. 150–151.

6 Ibid., p. 152.

7 Ibid., p. 153.

*tradição é toda a cultura ocidental, e creio também que temos direito a essa tradição, mais direito que o que podem ter os habitantes de qualquer outra nação ocidental. [...] Creio que nós argentinos, e os sul-americanos em geral, estamos numa situação análoga [à dos judeus no Ocidente e à dos irlandeses na Inglaterra]; podemos lançar mão de todos os temas europeus, utilizá-los sem superstições, com uma irreverência que pode ter, e já tem, consequências afortunadas.<sup>8</sup>*

Para além da possibilidade de enxergar no ensaio de Borges um eco de T. S. Eliot e o seu “Tradition and the Individual Talent” (1919),<sup>9</sup> emerge do autor portenho uma brecha por meio da qual se pode pensar a hierarquia entre tradições literárias, críticas e teóricas; parto então de Borges para introduzir o problema que orbita a crítica genética e suas epistemes plurais. “El escritor argentino y la tradición” oferece, assim, um conjunto de horizontes para este artigo: recupero o debate em torno de uma tradição que se pretende universal e discuto o problema dos modelos totalizantes — totalitários — e, por extensão, o problema do *modelo do modelo*. Além disso, como consequência do primeiro eixo, recupero a hierarquia inerente ao conceito de influência ou de herança; insisto que uma crítica comparada dos sistemas de criação jamais poderá partir de uma epistemologia para a qual a América Latina não existe, ou existe restrita a ela própria. Por fim, dirijo-me às possibilidades múltiplas de trabalho com a criação e sua crítica de modo a acomodar peças assimétricas, sublinhando espaços para um uso produtivo e não reverencial da genética. Entre o enraizamento à periferia e o pertencimento ao cânone, dirijo-me às histórias e às evoluções dissonantes da crítica genética.

## As genéticas e sua crítica

Um estudo *genético* percorre as especificidades do processo de escrita; ao fazê-lo, retoma os pré-textos — *avant-textes*<sup>10</sup> — para desfazer a noção fixa de obra, romper a teleologia da “versão final” em direção à qual todo processo deveria convergir. O gesto antes mecânico — a escrita — instaura agora uma mobilidade do espaço textual: tal estilhaçamento da textualidade é consequência do gesto fluido do texto em criação. A pesquisadora argentina Élica Lois — central na emergência de uma genética contemporânea — pontua que “la crítica genética interroga la escritura desde el movimiento que la ha engendrado y diseña herramientas que le permitan abarcar la plenitud de significados potenciales que se suceden durante esa dinámica”.<sup>11</sup> Configura-se uma nova hierarquia dos estágios de redação, dos rascunhos e das interrupções; a publicação deixa de ser um tólos: “la etapa final de un proceso textual es vista como una más entre otras; a lo sumo, como el producto específico de un conjunto de tendencias, pero jamás como un resultado

8 Ibid., p. 156.

9 Cf. ORTIZ, R. Las deslecturas de Borges: Eliot, el traductor argentino y la tradición. **Variaciones Borges**, no. 37, 2014, 37–52.

10 Cf. BELLEMIN-NOËL, J. **Le texte et l'avant-texte**: les brouillons d'un poème de Milosz. Paris: Larousse, 1972.

11 LOIS, É. La Crítica genética: un marco teórico sobre la disciplina, objetivos y método. **Creneida**. Anuario de Literaturas Hispánicas, n. 2, p. 57–78, 30 dez. 2014, p. 59.

inevitable”.<sup>12</sup> A francesa Almuth Grésillon, por sua vez, localiza a emergência dessa nova problemática teórica — “a escrita como lugar de pulsão e de cálculo” — :<sup>13</sup> a crítica genética teria como condição indissociável a “vida intelectual na França no fim dos anos sessenta que, como qualquer conjuntura ideológica precisa, influenciaram a orientação e o foco da crítica genética nascente”.<sup>14</sup> Ela destaca os espaços do contraditório, da hesitação, da reescrita etc. como elementos enraizados nesse campo de batalha que fornece ao geneticista horizontes para a construção de percursos críticos — o geneticista constrói; não reconstrói.

Há contudo um impasse incontornável: embora recorrentemente se aponte a crítica genética como sendo de origem francesa — Grésillon o faz,<sup>15</sup> e o fazem também críticos como Louis Hay<sup>16</sup> e Jean-Louis Lebrave,<sup>17</sup> centrais no desenvolvimento de uma certa genética ao situarem seu desenvolvimento a partir de uma filologia franco-alemã — Élida Lois indica que a história dessa genética de fato pode encontrar seu início entre os séculos XVIII e XIX *no caso dos países centrais*.<sup>18</sup> Ela acrescenta, ao recuperar os fenômenos dos quais florescem novos caminhos críticos — a evolução tecnológica, o fortalecimento dos acervos de manuscritos, o desenvolvimento das ciências da linguagem e da crítica literária —, que, ao contrário do que aconteceu nos tais países centrais, na América Latina “esses componentes causais se sucedem em outros tempos e em outros ritmos”.<sup>19</sup> O mesmo acontece com o acesso às fontes: Lois pontua que as lógicas de Hay, Lebrave e Grésillon — pode-se acrescentar uma série de outros críticos europeus a esta lista — se estruturam sobre um conjunto de condições materiais por vezes ausentes em ambientes não-europeus: “a não-existência ou a deficiência das nossas instituições públicas em matéria de fundos de manuscritos modernos constitui um dado não negligenciável que remete às condições socioculturais do país, sobretudo no nível de consolidação das políticas da memória”.<sup>20</sup> Além disso, “a profissionalização do escritor — este fenômeno social da modernidade que está na origem da valorização do trabalho de escrita, um aspecto desenvolvido por Lebrave

---

12 Ibid., p. 77.

13 GRÉSILLON, A. **Elementos de crítica genética**. Tradução de Cristina de Campos Velho Brick, Letícia Cobalchini, Simone Nunes Reis e Vincent Leclerq. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 23.

14 Id., 1991, p. 11.

15 Cf. GRÉSILLON, A. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 7-18, abr. 1991. Tradução de Isabel Rupaud.

16 Cf. HAY, L. **A literatura dos escritores**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

17 Cf. LEBRAVE, J.-L. La critique génétique : une discipline nouvelle ou un avatar moderne de la philologie ? **Genesis** (Manuscrits-Recherche-Invention), n. 1, 1992, p. 33-72.

18 LOIS, É. La critique génétique en Argentine : précurseurs, irruption et état actuel. **Genesis**, n. 33, p. 149-156, 30 out. 2011, p. 1.

19 Ibid., p. 3, traduções minhas. “Mais en Argentine, ces composantes causales se succèdent en d’autres temps et à d’autres rythmes.”

20 Ibid. “La non-existence ou les déficits de nos institutions publiques en matière de fonds de manuscrits modernes constitue une donnée non négligeable qui renvoie aux conditions socioculturelles du pays, surtout au niveau de consolidation des politiques de la mémoire.”

— não se torna evidente na América Latina senão na primeira metade do século XX”,<sup>21</sup> o que transformaria radicalmente a cenografia de enunciação dos escritores latino-americanos e, assim, apresentaria condições de imediato distintas para um trabalho com seus manuscritos. A emergência de uma dissonância teórico-metodológica se dá inicialmente, portanto, em função das condições locais — e desse modo os afastamentos epistemológicos se produzem. Élida Lois escreve ainda que “los latinoamericanos que compartimos esa pasión no podemos dejar de preguntarnos por las *características de la crítica genética de nuestros países*” e aponta uma “permanente *tensión dialéctica* entre las *peculiaridades de nuestra realidad histórica* y el impacto de los impresionantes aportes de *algunos países centrales*, particularmente los de *la escuela del ITEM-CNRS de París*”.<sup>22</sup>

Graciela Goldchluk e Delfina Cabrera se dirigem a esses afastamentos em “Entre le don et la traduction. Formes de la critique génétique en Argentine” (2020), publicado na *Genesis*. Ali, Goldchluk e Cabrera reconhecem o epicentro dos estudos genéticos representado pela “escola francesa”, mas apontam as bases distintas da teoria na América Latina. De início, as autoras afirmam — na direção do que dizia Lois — que, “contrariamente ao contexto francês da segunda metade do século XX que viu nascer o ITEM [Instituto de Textos e Manuscritos Modernos], o desenvolvimento da crítica genética argentina mantém uma continuidade com a filologia ao mesmo tempo em que abre um campo de debates para a reorientação da disciplina”.<sup>23</sup> Nesta direção, consolida-se a perspectiva: “Não *transportamos* a crítica genética aos nossos arquivos como se se tratasse de ‘aplicar’ a teoria e a metodologia genéticas aos estudos de manuscritos latino-americanos” — manuscritos que, dizem elas, “se parecem tão pouco com aqueles canonizados pela cultura europeia”.<sup>24</sup> O problema que se configura, portanto, diz respeito à relação complexa da genética latino-americana, “periférica”, diante da teoria desenvolvida na França — oriunda das filologias alemã e italiana, influenciada pelos primeiros românticos etc. Dou um exemplo da disjunção dessas histórias canônicas da crítica genética, segundo as quais Paris é berço único de um trabalho crítico com a criação literária: Almuth Grésillon apontava a primeira ocorrência do conceito “crítica genética” como sendo de 1979, com a publicação de *Essais de critique génétique*, volume coordenado por Louis Hay; em 1979, contudo, a pesquisadora argentina Ana María Barrenechea publicava *La genesis del texto: Rayuela*

---

21 Ibid.

22 LOIS, É. Los estudios de crítica genética en el campo de la literatura hispanoamericana. In: VAUTHIER, B.; CORRADINE, J. G. (orgs.). **Crítica genética y edición de manuscritos hispánicos contemporáneos**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012a, p. 987. E-book. Grifos meus.

23 GOLDCHLUK, G.; CABRERA, D. Entre le don et la traduction. Formes de la critique génétique en Argentine. **Continents manuscrits**, n. 14, 15 abr. 2020, p. 1-2, traduções minhas. “Contrairement au contexte français de la seconde moitié du XXe siècle qui a vu naître l’ITEM, le développement de la critique génétique argentine maintient une continuité avec la philologie tout en ouvrant un champ de débats pour la réorientation de la discipline.”

24 Ibid., p. 2-3, grifos originais. “Nous ne *transportons* pas la critique génétique à nos archives comme s’il s’agissait ‘d’appliquer’ la théorie et la méthodologie génétiques à l’étude des manuscrits latino-américains, qui ressemblent si peu à ceux canonisés par la culture européenne.”

y su Cuaderno de bitacora, sobre o processo de escrita de *Rayuela*, de Julio Cortázar.<sup>25</sup> Assim, embora a institucionalização do campo de pesquisa por meio do ITEM de fato configure uma história da genética, é necessário observar que uma série de outras histórias da genética se desenvolve a partir de outros centros — Telê Ancona Lopez, por exemplo, lembra que já entre 1963 e 1968 “reconstituímos passos da leitura e recuperamos as anotações de margem do punho do escritor [Mário de Andrade] em determinados autores franceses, na revista *L’Esprit Nouveau* e em obras que abordaram o sentimento amoroso na poesia popular brasileira”.<sup>26</sup> Um esboço do centro-margem — que se desdobrava em influenciador-influenciado — se desfaz.

## Periferia — infinidade de centros

Em *A literatura dos escritores* (2002), um dos mais abrangentes estudos sobre a história da crítica genética — ou de certa crítica genética —, Louis Hay retoma Michel de Montaigne, Pierre de Ronsard<sup>27</sup> e rastreia as origens do “texto”: primeiro na Idade Média do século XIII, depois em Richardson e Chaucer,<sup>28</sup> Novalis e Schlegel, Poe e Eliot,<sup>29</sup> para retrazar o percurso de uma ideia sobre o gesto da escrita. Ao tratar da crítica genética que emergia, Hay coloca o Brasil numa lista um tanto difusa, ao lado de países como Canadá, Portugal e Rússia<sup>30</sup> — países que, até hoje, pouco produziram em crítica genética, diferentemente do Brasil; a Argentina sequer aparece na lista de Hay. Em comum, todos os listados são “periféricos”: Portugal e Rússia na sua relação com a Europa, o Canadá em sua relação com a França, e o Brasil, país latino-americano. Élica Lois, por outro lado, enxergando os movimentos a partir da Argentina, escrevia que “una pregunta que nos hacemos los todavía no demasiado numerosos geneticistas hispanoamericanos es por qué esta línea de estudios tiene tantos cultores en Brasil y ha alcanzado en ese país vecino tan alto nivel de producción y difusión”<sup>31</sup> — o que é impressionante, uma vez que o Brasil aparecia tão marginalizado em um estudo canônico da história da genética, mas protagonizava (como não é difícil perceber ao se aprofundar na

---

25 Cf. LOIS, É. Ana María Barrenechea y la crítica genética. **Cuadernos LIRICO**, n. 9, 1 set. 2013.

26 LOPEZ, T. A. Projetos e reflexões da equipe Mário de Andrade. **Manuscrita**: Revista de Crítica Genética, n. 8, 1999, p. 41. Cf. também: “Nas influências reconhecidas, nas leituras declaradas, na presença de determinadas obras não anotadas na biblioteca de um escritor, nas notas autógrafas à margem de suas leituras ou em folhas anexadas a volumes, em todas as formas e feições da apropriação, da recriação, as matrizes corporificam o diálogo que é memória da criação, na conjugação de leitura e escritura, confluência na esfera intelectual, enquanto sutil mudança da recepção em ato criativo, ou alcance maior da recepção que se transforma em produção e pode se extremar na bricolagem.” (LOPEZ, T. A. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginália. **Escritos V**, v. 5, p. 53–75, 2013, p. 66).

27 HAY, 2007, p. 26.

28 Ibid., p. 37–38.

29 Ibid., p. 55–56.

30 Ibid., p. 362.

31 LOIS, É. La crítica genética y la salvaguarda de la inscripción de la memoria escritural latinoamericana.” **Lo que los archivos cuentan/1**, p. 1688-9827, 2012b, p. 18.

história local da genética) os estudos críticos desenvolvidos sobre processos criativos na América Latina.

Há, desde os anos 1980, uma série de espaços latino-americanos que fazem circular o pensamento francês sobre a então recém-nascida crítica genética. Muito brevemente, menciono o I Colóquio de Crítica Textual — *O Manuscrito Moderno e as Edições* —, organizado por Philippe Willemart em 1985, na Universidade de São Paulo; antes, na mesma universidade, Willemart já ministrara, a partir da experiência formativa com Jean Bellemin-Noël, um curso de pós-graduação sobre os caminhos da crítica genética. No Colóquio, fundava-se a APML — Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário —, hoje chamada APCG — Associação de Pesquisadores em Crítica Genética. Em 1994, a revista *Filología*, ligada à Universidad de Buenos Aires, dedicava uma edição à crítica genética e assim, pela primeira vez, tanto tempo depois das primeiras investigações em torno dos processos criativos, apareceram em solo argentino, traduzidos, os ensaios de membros do ITEM como Louis Hay, Almuth Grésillon e Jean-Louis Lebrave. Em 1996, Ana María Barrenechea organizava um seminário de título “Introducción a la crítica genética”, também na Universidad de Buenos Aires;<sup>32</sup> o primeiro manual de crítica genética publicado na Argentina apareceria em 2001: *Génesis de escritura y estudios culturales*, de Élica Lois. Barrenechea dirigiu, entre 1985 e 2002, dois projetos de pesquisa ligados às teorias do arquivo e à genética textual: “Edición del Epistolario inédito de Sarmiento” e “Archivos de la Memoria”.

No Brasil, Telê Ancona Lopez desdobrava desde 1967 um primeiro gesto de Antonio Candido,<sup>33</sup> que apontava para o manuscrito de modo a pensar seu processo de redação; o trabalho com o processo de criação de Mário de Andrade funda uma trilha lusófona da genética — antes da genética francesa, deve-se destacar.

*O projeto, detentor das três primeiras bolsas FAPESP [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo] para estudantes de Ciências Humanas, em 1967, embasou os mestrados das pesquisadoras, na FFLCH-USP, orientados por Antonio Candido. Em agosto de 1968, o Governo do Estado adquiriu, por um valor simbólico, o acervo Mário de Andrade, e o legou ao patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. [...] A análise dos documentos componentes dos três pilares do acervo desvenda conexões naturais entre eles, determinantes para um*

---

32 “La clase inaugural de Anita en su seminario de 1996 la expansión de las investigaciones geneticistas más allá de la literatura para encarar otros lenguajes artísticos (la escritura musical, la ejecución de obras plásticas y arquitectónicas, las representaciones escénicas, las realizaciones cinematográficas), y más allá de los procesos creativos para analizar la gestación del discurso científico.” (LOIS, 2013, p. 5).

33 Em um curso ministrado em 1959, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Candido revisita a crítica literária a partir das bases filológicas — renovação relevante em contexto brasileiro àquela altura, antecipando em grande medida o trabalho sistemático com os processos de criação que aparecerá algumas décadas mais tarde. Em 2005, uma transcrição do curso foi publicada, pela Associação Editorial Humanitas, com o título *Noções de análise histórico-literária*.

*entendimento mais ambicioso dos trajetos desse intelectual moderno que soube pensar o Brasil, penetrando em nossa cultura.*<sup>34</sup>

Philippe Willemart, também em São Paulo e mais próximo das bases francesas, apresentava as pesquisas francófonas ainda incipientes, àquela altura, em seus cursos de pós-graduação, introduzindo todavia uma torção fundamental — ele escreve: “não afirmaria que a crítica genética nasceu nos anos de 1970 na França e nos anos de 1980 no Brasil, mas que a percepção dos críticos dos anos de 1970 e 1980 convergiu com a de Schlegel e Novalis para que emergisse a crítica genética que conhecemos”.<sup>35</sup> É crucial perceber que havia um trabalho “genético” desenvolvido em contexto latino-americano antes de tal circulação — ainda que gradualmente cursos, revistas e congressos passassem a introduzir a genética francesa, em contexto latino-americano a teoria se somava a trilhas já existentes; Lois aponta, por exemplo, que fazia genética sem o saber — “en los comienzos de mi formación como investigadora, allá por 1968, empecé a analizar manuscritos de trabajo escritural sin saber que un día iba a existir una crítica genética”;<sup>36</sup> assim como fizeram Barrenechea (*La genesis del texto: Rayuela y su Cuaderno de bitacora*, 1979) e Ancona Lopez (*O sequestro da dona ausente: reconstrução de um estudo de Mário de Andrade a partir de suas notas de leitura*, 1967). Além disso, filólogos como Juan Bautista Alberdi, Carlos Alberto Leumann e Amado Alonso já haviam estabelecido uma tradição crítica na América Latina.<sup>37</sup>

Note-se ainda que, embora o pensamento francês tenha circulado no continente já nos anos 1970 e 80, o contrário não é verdadeiro: as publicações de Lois e Goldchluk em território francês são tão tardias quanto limitadas — na *Genesis*, a mais importante revista de crítica genética europeia, Élica Lois tem apenas um artigo publicado, “La critique génétique en Argentine : précurseurs, irruption et état actuel”, em 2011. O mesmo ocorre com Telê Ancona Lopez, que, embora tenha publicado na *Genesis* o seu “La bibliothèque de Mário de Andrade : une moisson engrangée pour la création” (2002), não tem em contexto francês a envergadura de qualquer geneticista europeu com histórico semelhante de contribuição à área de pesquisa. Na revista *Genesis*, inclusive, apenas algumas edições dedicam espaço a estudos desenvolvidos no Sul — refiro-me aqui ao Sul global —, e ainda assim confinados a edições temáticas — casos, justamente, da edição n. 18, de 2002, “La critique génétique au Brésil”, em que figura o artigo de Ancona Lopez, e n. 33, de 2011, “Afrique-Caraïbe” em que aparece o artigo da argentina (não caribenha, muito menos africana) Élica Lois. Deve-se notar ainda que na edição de 2002 da revista — em tese dedicada às pesquisas brasileiras —, há uma entrevista de Pierre-Marc De Biasi com Pierre Michon, a respeito do seu *La Grande Beune* (1996), todos completamente alheios ao Brasil. As teorizações sobre a genética (assim: *genética*, sem marca de nação ou época) — como os números 30 e 31 da *Genesis*: “Théorie : état des lieux” e “Composer”, respectivamente — são restritas, em

---

34 LOPEZ, 2013, p. 54.

35 WILLEMART, P. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 11.

36 LOIS, É. Una práctica de la crítica genética frente al espejo. *Boletín GEC*, n. 16, p. 19–33, 2012c, p. 19.

37 Cf. LOIS, É. La critique génétique en Argentine : précurseurs, irruption et état actuel. *Genesis*, n. 33, pp. 149-156, 30 out. 2011.

geral, aos investigadores do Norte.<sup>38</sup> Como sistematizar teoricamente tal descompasso, tal confinamento?

Dirijo-me, em busca de um horizonte, a María Teresa Gramuglio e seu “El cosmopolitismo de las literaturas periféricas” (2008), para então apontar nuances mais complexas, hierarquizações mais amplas na teoria que circula: Gramuglio lembra que “los estudiosos europeos y norteamericanos suelen conocer poco los trabajos de sus colegas latinoamericanos e incluso incurren a veces en lecturas erróneas de procesos culturales y textos literarios locales”.<sup>39</sup> Segundo ela, cabe perguntar “si no serán los especialistas en literaturas periféricas, por lo común más abiertos al conocimiento de las literaturas extranjeras precisamente por su condición ex-céntrica, quienes estarían en mejores condiciones para practicar tales lecturas ‘en contrapunto’”; afinal, “es cierto que las miradas del otro y hacia el otro contribuyen al mejor conocimiento del propio”.<sup>40</sup> Claudia Amigo Pino, em “Crítica genética: o que interpretar?” (2014), apontava em sentido análogo que a concentração excessiva no documento, característica de uma certa genética, é ponto de afastamento entre tradições no trabalho crítico com os processos de criação; “na própria França”, escreve Pino, “alguns pesquisadores que trabalham com manuscritos (*mas não são contratados pelo ITEM, o Instituto de Textos e Manuscritos Modernos*) têm manifestado seu incômodo em relação a essa excessiva concentração no documento”.<sup>41</sup> Afinal, ela segue, “para pensar a criação, é necessário levá-los em conta, mas também ir além. Muitas vezes, eles não funcionam como portal e até fecham as portas para um pensamento mais amplo sobre o processo de criação”.<sup>42</sup>

Gramuglio nota que “también en Europa hay centros y periferias, también en Europa las literaturas menos poderosas por su menor ‘capital’ literario y lingüístico nacional”.<sup>43</sup> Afinal, a relação tensa entre literaturas europeias periféricas — a autora dá o exemplo da literatura húngara — se insere em um patrimônio que por vezes as contém, por vezes as excede:

*la cultura europea u occidental a la que pertenecen por pleno derecho, sea cual sea la configuración de ese “occidente” que dista de ser un mundo homogéneo y cuya formación, sin duda, se asienta en una larga historia de intercambios, anexiones, rapiñas,*

---

38 Para fazer justiça, há, em meio aos 51 artigos das edições 30 e 31, um texto de Cecília Almeida Salles, “Réseaux de la création : construction de l’œuvre d’art” (2010), e outro de Claudia Amigo Pino, uma resenha do livro de Danielle Constantin, *Masques et Mirages. Genèse du roman chez Cortázar, Perec et Villemaire*. De resto, uma abundância de autorias europeias e norte-americanas.

39 GRAMUGLIO, M. T. El cosmopolitismo de las literaturas periféricas. **CELEHIS**: Revista del Centro de Letras Hispanoamericanas, n. 19, p. 159–172, 2008, p. 167.

40 Ibid.

41 PINO, C. A. Crítica genética: o que interpretar? **Revista Desenredo**, v. 10, n. 2, 18 dez. 2014, p. 265–266, grifos meus.

42 Ibid.

43 GRAMUGLIO, op. cit., p. 165.

*desigualdades, dominaciones políticas, culturales o económicas y violencias de todo tipo.*<sup>44</sup>

Raúl Antelo já percebia, nesta direção, em “Só centros: elipses” (2013), que talvez já não haja periferias — a desterritorialização tornaria o nomadismo uma característica do pensamento que vem; “só existem centros, no plural, pois um único centro é um infinito de centros”.<sup>45</sup> Fica evidente a crise de um modelo colonial, cuja concepção de centralidade faz de qualquer diferença um desvio. O cânone — ainda problemático e, por óbvio, excludente — se estrutura sobre bases que transcendem a nação, todavia mediado pelas posições hierárquicas dentro de sistemas universitários, científicos — posições que coincidem, como fica evidente, com localizações geográficas, linguísticas e financeiras de determinados pesquisadores dentro de tais sistemas. A genética francesa, conhecida apenas como *genética* e, portanto, supostamente universal, é tão local quanto qualquer edição da *Genesis* dedicada à “dissonância”. Desse modo, cabe a pergunta a respeito de um pertencimento possível de um sistema a outros sistemas — fala-se, ainda hoje, em “crítica genética”?

## Como pertencer? Ou: pertencer?

A socióloga francesa Gisèle Sapiro coloca o problema da circulação dos textos, e por extensão do seu pertencimento a determinados centros, em “How Do Literary Works Cross Borders (or Not)?” (2016). Ali, Sapiro parte da constatação evidente de que “há fatores sociais que desencadeiam a circulação dos textos independentemente de seu valor intrínseco”,<sup>46</sup> e recorre a Pierre Bourdieu para um primeiro esboço de teorização; ela avança para propor uma divisão de tais fatores “para benefício da análise em quatro categorias: fatores políticos, econômicos, culturais e sociais”, destacando que “a sociologia das trocas culturais transnacionais focou-se nos agentes — indivíduos, grupos, instituições — que tomam parte nessa circulação: autores, editores, funcionários públicos, agentes literários, tradutores e críticos, no caso das obras literárias”.<sup>47</sup> Proponho um olhar à sua leitura de alguns desses fatores. Primeiro, a tradução, que “é de fato uma questão central nas relações de poder entre os países, para além de qualquer envolvimento político. Para um Estado-nação, exportar sua literatura em tradução é sinal de reconhecimento

---

44 Ibid.

45 ANTELO, R. Só centros: elipses. In: BUENO, L. et al. (orgs.). **Ética e estética nos estudos literários**. Curitiba: Editora da UFPR, 2013, p. 137.

46 SAPIRO, G. How Do Literary Works Cross Borders (or Not)? **Journal of World Literature**, n. 1, p. 81–96, 2016, p. 81. As traduções dos fragmentos citados de Gisèle Sapiro e Nora Catelli são minhas.

47 Ibid., p. 82. “The sociology of transnational cultural exchanges has focused on the agents—individuals, groups, institutions—that participate in this circulation: authors, publishers, state representatives, literary agents, translators, and critics, in the case of literary works. [...] These factors can be divided for the sake of analysis into four categories: political, economic, cultural, and social factors.”

simbólico no palco internacional”; “é por esta razão que uma série de estados dedica recursos financeiros para essa exportação”,<sup>48</sup> o que produz uma conclusão óbvia: a ausência de apoio financeiro, por desinteresse, impasses internos, escassez de recursos etc., impede a circulação de um certo conjunto de ideias, atropelado por textos que se beneficiam desse tipo de promoção. A circulação das ideias não existe, portanto, alheia à lógica do mercado; Sapiro se dirige também a isso, afirmando que “questões econômicas estão portanto envolvidas na produção e circulação de livros e em muitos casos prevalecem diante de outros fatores”,<sup>49</sup> embora atribua uma ausência de trocas entre França e América Latina —sem especificar países ou contextos— a uma suposta “competitividade” entre os centros: “tentativas do governo francês de facilitar a copublicação de traduções do francês ao espanhol com editoras de diferentes países da América Latina enfrentou muita relutância”.<sup>50</sup> É no mínimo curioso — ou mesmo incômodo — que Sapiro atribua certa ausência de trocas entre os dois espaços a uma “relutância latino-americana”, lado claramente mais frágil — política e economicamente — da equação. Embora se dedique a destrinchar a circulação dos textos — que podemos estender à circulação da teoria — Sapiro parece fracassar em produzir o deslocamento necessário para apresentar de forma não-hierárquica o problema da circulação; ironicamente, ela acaba por ilustrar sua afirmação de que a circulação dos textos se deve às “relações de poder entre grupos sociais”.<sup>51</sup> O que se nota, por fim, é o esboço de um projeto que pode ser produtivo desde que amplo e sistemático — não há, entre as referências bibliográficas do artigo de Gisèle Sapiro sobre a circulação global da literatura, pensadores latino-americanos. É um exemplo do engessamento ainda presente.

Olhar mais refinado sobre a questão é o de Nora Catelli. Já no começo do seu “Asymmetry. Specters of Comparativism in the Circulation of Theory” (2017), Catelli é assertiva: “Os latino-americanos [...] estamos acostumados a pensar em dois ou três mundos ao mesmo tempo, intervindo no nosso — o particular, o mundo de nossas línguas e suas hierarquias, trazendo a ele referências externas de diversas naturezas e origens”.<sup>52</sup> Ela lembra que “nas nossas Américas, na politicamente tur-

---

48 Ibid., p. 84. “Translation is indeed an issue at stake in power relations between countries, beyond any political consideration. For a nation-state, exporting its literature in translation is a sign of its symbolic recognition on the international scene. This is why many states allocate financial support to this exportation.”

49 Ibid., p. 87. “Economic considerations are thus involved in the production and circulation of books and in many cases prevail over other considerations.”

50 Ibid., p. 85. “Competition between countries may also impede it, as the Latin American case illustrates: attempts of the French government to facilitate co-publication of translations from French into Spanish with publishers from different Latin American countries encounter much reluctance.”

51 Ibid., p. 90. “The cultural factors at play in the circulation of literary works are embedded in power relations between social groups.”

52 CATELLI, N. Asymmetry. Specters of Comparativism in the Circulation of Theory. *Journal of World Literature*, v. 2, n. 1, p. 11-26, 2017, p. 12. “Latin Americans [...] are accustomed to thinking about two or three worlds at the same time while intervening in our own the particular one, the world of our languages and their hierarchies, drawing to it external references of diverse natures and origins.”

bulenta segunda metade do século XX, as universidades não eram os únicos centros de produção e circulação de pensamento crítico e teoria”,<sup>53</sup> e que “o comparatismo sempre foi um mal-entendido e, em parte, somos os objetos desse mal-entendido”, uma vez que “ele carece de campos, gêneros e métodos próprios. Ele repousa no registro cumulativo de traços justapostos, entre a inspiração de grandes criadores, por um lado, e o trabalho acadêmico e editorial moderno, por outro”.<sup>54</sup> Catelli arremata com a observação de que

*não há leitura que não seja simultaneamente uma localização e sobretudo uma data. Nesta era de literatura mundial, a tradução comparada da teoria é uma condição fundamental e histórica da particularização. Trata-se simplesmente de torná-la mais visível: quando notamos que certas localizações e sobretudo certas datas nos levam à consciência de uma pluralidade necessária, enquanto outras continuam a existir na feliz inconsciência de uma centralidade serena: são os novos pastores de um rebanho imenso. Há mais de uma maneira de escapar dessa multiplicidade invisível que parece ser nosso destino. Entre nossas comunidades latino-americanas, tendemos a insistir na natureza paródica ou caótica de nossos ataques às tradições teóricas do centro.*<sup>55</sup>

Portanto, se somarmos o debate sobre a circulação da teoria à pluralidade histórica e epistemológica da crítica genética, torna-se possível revisitar o artigo de Goldchluk e Cabrera com outros olhos, percebendo ainda outros horizontes. Quando as autoras afirmam que os projetos genéticos produzidos na e sobre a América Latina colocam “em diálogo textos e manuscritos e [produzem] volumes científicos acessíveis”, notando que abrem “uma possibilidade inédita de desenvolver uma forma de pensamento singular com os manuscritos argentinos e latino-americanos”<sup>56</sup> — além do fato de a recepção do pensamento francês na América Latina ser “uma recepção marcada por uma apropriação singular, isto é, uma incorporação criativa e atenta às condições e temporalidades locais”<sup>57</sup> —, o que

---

53 Ibid., p. 15. “In our Americas, in the politically turbulent second half of the twentieth century, universities were not the only centers of production and circulation of critical thought and theory.”

54 Ibid., p. 17. “Comparativism has always been a misunderstanding and, in part, we are the objects of this misunderstanding: it lacks its own fields, genres, and methods. It rests on the cumulative record of juxtaposed traces, between the inspiration of great creators on the one hand, and academic labor and modern publishing on the other.”

55 Ibid., p. 24. “There is no reading that is not simultaneously a localization, and above all else, a date. In this era of world literature, the comparative translation of theory is a fundamental and historical condition of particularization. It is simply about making it more visible: when we notice that certain localizations, and above all, certain dates compel us to be conscious of a necessary plurality, while others continue to exist in the blissful unawareness of a serene centrality: they are the new shepherds of an immense flock. There is more than one way to escape this invisible multiplicity which seems to be our fate. Among our Latin American communities, we tend to insist on the parodic or chaotic nature of our assaults on the theoretical traditions of the center.”

56 GOLDCHLUK; CABRERA, op. cit., p. 2. “Ce projet qui met en dialogue textes et manuscrits et qui produit des volumes scientifiques accessibles, a ouvert une possibilité inédite de développer une forme de pensée singulière avec les manuscrits argentins et latinoaméricains.”

57 Ibid., p. 3. “Il s’agit d’une réception marquée par une appropriation singulière, c’est-à-dire une incorporation créative et attentive aux conditions et temporalités locales.”

está em jogo é a possibilidade de dissolução da unidade fictícia de uma genética nascida na França e aplicada aos manuscritos e processos de escrita em sentido amplo; a história da crítica genética, como a história da literatura, não pode ser uma história dos países, das épocas, nem mesmo dos autores; deve ser, antes, uma história dos textos e dos seus bastidores, amparada por uma variedade de perspectivas críticas e transformada constantemente pelas condições locais. Já não faz sentido perguntar se a crítica genética produzida na América Latina pertence à crítica genética; se é legítima ou, caso o seja, quem a legitima. Da tal periferia vê-se o centro de outro modo, especialmente se considerarmos que todo centro é a periferia de uma periferia.

Portanto se Borges reivindica seu pertencimento à tradição ocidental, ao lado de Racine ou de Shakespeare, abre-se brecha para a inversão do seu raciocínio; é o que faz Ricardo Piglia a partir de uma pergunta de Italo Calvino: se o escritor italiano se perguntava qual era o futuro da literatura, Piglia perguntava

*cómo podríamos nosotros considerar ese problema desde Hispanoamérica, desde la Argentina, en mi caso desde Buenos Aires, desde un suburbio del mundo. Cómo veríamos nosotros este problema del futuro de la literatura y de su función. No como lo ve alguien en un país central con una gran tradición cultural. Cómo vería ese problema un escritor argentino, cómo podríamos imaginar los valores que pueden persistir. ¿Qué tipo de uso podríamos hacer de esta problemática? ¿Cómo nos plantearíamos ese problema nosotros, hoy? El país de Sarmiento, de Cortázar, de Sara Gallardo, de Manuel Puig. [...] Nos planteamos entonces ese problema desde el margen, desde el borde de las tradiciones centrales, mirando al sesgo. Y este mirar al sesgo nos da una percepción, quizás, diferente, específica. Hay cierta ventaja, a veces, en no estar en el centro. Mirar las cosas desde un lugar levemente marginal. Qué óptica tendríamos nosotros para plantear este problema, cuáles podrían ser esos valores propios de la literatura que van a persistir en el futuro.<sup>58</sup>*

Antes da busca pelo pertencimento a um cânone forjado pelo *fora* da literatura, a fuga a este cânone; o reconhecimento da especificidade, a diferença.

## Por fim,

os modelos totalizantes-totalitários parecem provocar uma disjunção no trabalho material com as fontes; nenhum modelo teórico contemporâneo pode se estruturar de modo monológico — e por isso o estilhaçamento da genética reforça a impossibilidade do modelo (ou, antes, do modelo do modelo). As especificidades locais — sejam do Brasil ou da Argentina, sejam da França, cujos modelos teóricos são competentes em dar conta de processos de escrita europeus, mas deficientes diante de outras enunciações — fundam novos centros a todo instante. Claudia Amigo Pino esboça um conjunto de horizontes para dar conta das distinções locais:

---

58 PIGLIA, R. **Tres propuestas para el próximo milenio** (y cinco dificultades). Disponível em <<https://piglia.pubpub.org/pub/k99hnwfn/release/1>>. Acesso em: 17 mar. de 2023. Grifos meus.

*[Deve-se] tentar entender um conjunto de manuscritos sobre determinada obra dentro do seu contexto de produção, circulação e recepção. Mais especificamente, isso significa entender, em relação à produção, quais foram as práticas e suportes materiais de sua produção: qual a tecnologia da escrita? O que ela nos obriga a escrever? (por exemplo, hoje, os processadores de texto) Qual era a disponibilidade dos suportes (por exemplo, papel). Como se ensina a escrita nas escolas, nas universidades? Já em relação à circulação, é necessário se perguntar como esses documentos chegaram ao pesquisador? Quem os adquiriu/legou? Por que eles fazem parte (ou não) do acervo de uma biblioteca? Por que o escritor decidiu conservá-los? Finalmente, sobre a recepção, nunca podemos deixar de ter em vista por que a nossa instituição sedia uma pesquisa sobre manuscritos, por que ela é financiada (ou não), e qual é o interesse específico do pesquisador em estudar um determinado processo de criação.<sup>59</sup>*

O estudo de manuscritos latino-americanos — de escritores latino-americanos — em contexto europeu ou norte-americano pode levar, então, a um problema cada vez mais evidente: a leitura disjuntiva, assimétrica dos textos, abordados por teorias concebidas dentro — e propostas para — outras tradições, outras enunciações, outros sistemas de circulação do conhecimento. Uma crítica genética na América Latina, muito mais do que “importada” ou “trazida” da França — já destacavam Graciela Goldchluk e Delfina Cabrera —, deve reconhecer sua história de modo a compreender os pressupostos locais, recusando horizontes teórico-metodológicos de matriz colonial, transformando-os, sinalizando tais afastamentos epistemológicos. A banalidade do pertencimento dá lugar à consciência da circulação: a forma como modelos teóricos e críticos estão sujeitos a elementos de legitimação — em geral completamente alheios ao mérito ou ao funcionamento do modelo em si. Insisto: a diferença não é desvio; não há um tronco único que dá origem a galhos distintos — o que existem são histórias variadas, de origens distintas. A genética pode ser — sempre — escrita no plural.

## Referências Bibliográficas

ANTELO, R. Só centros: elipses. In: BUENO, L. et al. (orgs.). **Ética e estética nos estudos literários**. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

BORGES, J. L. **Discussão**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CATELLI, N. Asymmetry. Specters of Comparativism in the Circulation of Theory. **Journal of World Literature**, v. 2, n. 1, p. 11–26, 2017.

GOLDCHLUK, G.; CABRERA, D. Entre le don et la traduction. Formes de la critique génétique en Argentine. **Continents manuscrits**, n. 14, 15 abr. 2020.

---

59 PINO, op. cit., p. 267.

GRAMUGLIO, M. T. El cosmopolitismo de las literaturas periféricas. **CELEHIS: Revista del Centro de Letras Hispanoamericanas**, n. 19, p. 159–172, 2008.

GRÉSILLON, A. **Elementos de crítica genética**. Tradução de Cristina de Campos Velho Brick, Letícia Cobalchini, Simone Nunes Reis e Vincent Leclercq. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GRÉSILLON, A. Alguns pontos sobre a história da crítica genética. Tradução de Isabel Rupaud. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 7–18, abr. 1991.

HAY, L. **A literatura dos escritores**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

LOIS, É. La critique génétique en Argentine: précurseurs, irruption et état actuel. **Genesis**, n. 33, p. 149–156, 30 out. 2011.

LOIS, É. Los estudios de crítica genética en el campo de la literatura hispanoamericana. In: VAUTHIER, B.; CORRADINE, J. G. (orgs.). **Crítica genética y edición de manuscritos hispánicos contemporáneos**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2012a. E-book.

LOIS, É. La crítica genética y la salvaguarda de la inscripción de la memoria escritural latinoamericana.”. **Lo que los archivos cuentan/1**, p. 1688-9827, 2012b.

LOIS, É. Una práctica de la crítica genética frente al espejo. **Boletín GEC**, n. 16, p. 19–33, 2012c.

LOIS, É. La Crítica genética: un marco teórico sobre la disciplina, objetivos y método. **Creneida**. Anuario de Literaturas Hispánicas, n. 2, p. 57–78, 30 dez. 2014.

LOPEZ, T. A. Projetos e reflexões da equipe Mário de Andrade. **Manuscrita: Revista de Crítica Genética**, n. 8, 1999.

LOPEZ, T. A. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de sua marginalia. **Escritos V**, v. 5, p. 53–75, 2013.

PIGLIA, R. **Tres propuestas para el próximo milenio** (y cinco dificultades). Disponível em <<https://piglia.pubpub.org/pub/k99hnwfn/release/1>>. Acesso em: 17 mar. de 2023.

PINO, C. A. Crítica genética: o que interpretar? **Revista Desenredo**, v. 10, n. 2, 18 dez. 2014.

SAPIRO, G. How Do Literary Works Cross Borders (or Not)? **Journal of World Literature**, n. 1, p. 81–96, 2016.

WILLEMART, P. **Crítica genética e psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.